

Ética do relacionamento com animais: introdução

27 de Abril
(16ª aula)



Sumário da aula anterior

Questões éticas que surgem com:

- A Engenharia Genética
- As plantas geneticamente modificadas e transgênicas
- Os animais geneticamente modificados e transgênicos

Programa da aula

- Humanos e Animais
- Especismo e Excepcionalismo Humano
- Perspectiva sobre os Animais ao longo do tempo
- Psicologia e os Animais
- Consciência Animal
- Senciência

Ética Animal e Ética Ambiental



Para a maior parte dos filósofos ambientais, uma verdadeira ética ambiental só o será efectivamente quando o ambiente (e as entidades que o compõem) for considerado, em si mesmo, **como um problema ético** e não simplesmente um problema de gestão.



EXTENSÃO DA COMUNIDADE MORAL



ÉTICA ANIMAL

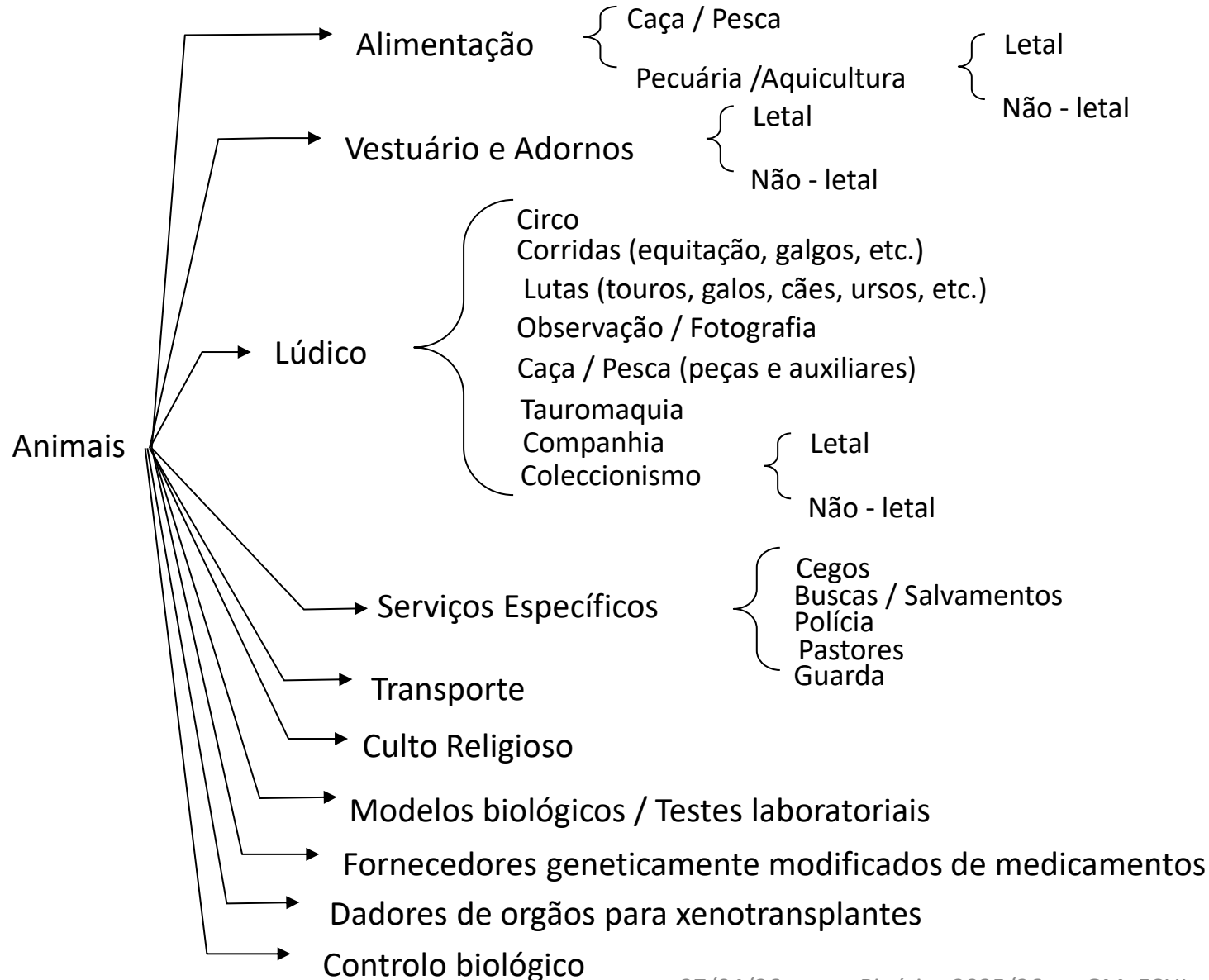


ÉTICA BIOCÊNTRICA



ÉTICA ECOCÊNTRICA

Relacionamento entre Humanidade e os Animais



Relacionamento entre Humanidade e os Animais



Nesta perspectiva puramente economicista e centrada nos humanos, qualquer estatuto moral dos animais é negado: eles são reduzidos a **coisas ou bens manipuláveis**, destinados à satisfação dos interesses daqueles que os produzem, usam e consomem – os humanos.



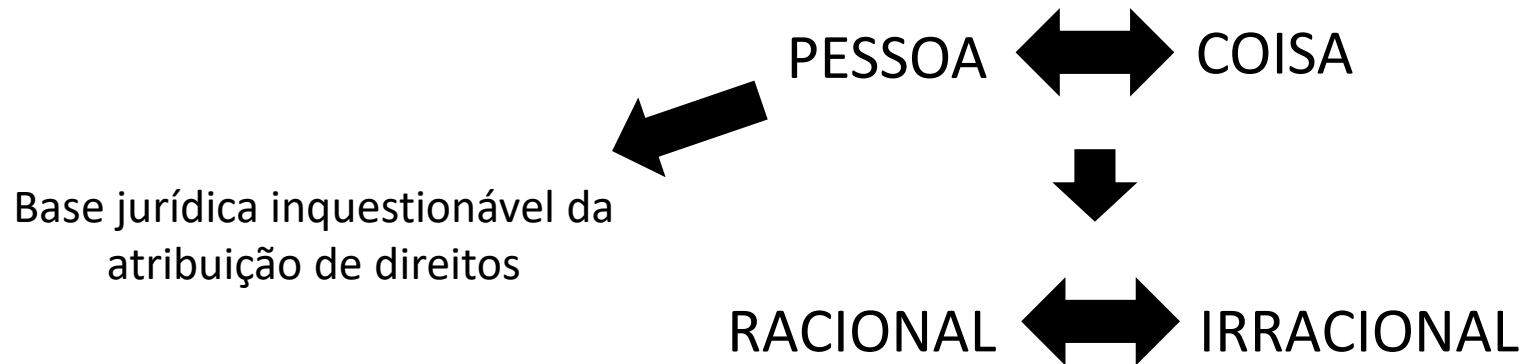
Desrespeitamos os animais ao retirar-lhes aquilo que constitui uma das características fundamentais do serem animais, em nome de interesses alheios (os nossos).

Qualquer animal deveria ser capaz de conduzir a vida **autonomamente**, sem depender dos outros para sobreviver e para satisfazer todas as suas **necessidades e interesses**. No fundo, deveria ter direito à sua própria **integridade e dignidade**, não devendo ser instrumentalizado de forma alguma.

Relacionamento entre Humanidade e os Animais



O estatuto dos animais como coisa continua ainda a ser o mais generalizado, mas a salvaguarda do bem-estar animal já reúne bastante adeptos, ao passo que o ponto de vista dos direitos encontra mais dificuldades em afirmar-se. Isto deve-se à dicotomia entre:



A razão foi sendo atribuída, em exclusivo, aos seres humanos, destituindo da mesma os animais. Esta concepção, em que ao ser humano **é dado um estatuto à parte da restante natureza**, ou, pelo menos, em que este ocupa o lugar cimeiro na hierarquia de todos os seres, é uma visão **antropocêntrica**.

Especismo



Peter Singer compara o especismo ao racismo: “O racista viola o princípio da igualdade ao dar maior peso aos interesses dos membros da sua própria raça, quando há um conflito entre os interesses destes e os interesses dos membros de outra raça. Da mesma forma, o especista permite que **os interesses da sua própria espécie se sobreponham aos interesses** dos membros de outras espécies. O padrão é o mesmo em ambos os casos.”

Tal como a discriminação baseada na raça, a discriminação baseada na espécie é preconceituosa, porque não **existe matéria de facto para sustentar qualquer tipo de reivindicação moral.**



Não existe razão para preferir os interesses dos seres pertencentes a uma dada espécie aos de outros seres que não pertencem.



Excepcionalismo Humano



Esta perspectiva sugere que existem **capacidades humanas distintas** dos animais: tais capacidades sustentam que **os seres humanos devem ter estatuto moral e os outros animais não**. Que capacidades serão estas?

Desenvolver laços familiares, resolver problemas sociais, expressar emoções, começar guerras, usar linguagem, pensar, ter consciência, ...



Mas, na verdade, diversos estudos têm mostrado que nenhuma destas actividades é exclusivamente humana.



Parece que grande parte das capacidades que pensamos que nos distingue como seres passíveis de consideração moral **são também possíveis de observar**, se bem que numa forma menos elaborada, no mundo animal não-humano.

Os animais na Idade Média – Julgamentos

Era uma época em que existia uma divisão metafísica absoluta entre seres humanos e restantes animais.

Os animais são criaturas de Deus, flagelos de Deus ou criaturas do Demónio.

A Natureza tem uma alma (animismo escolástico/vitalismo aristotélico).



Os animais são entidades jurídicas; ocorrem **juulgamentos de animais**.



Os animais na Idade Média – Julgamentos



Em 1457, em Savigny, França, um porco é julgado por ter assassinado uma criança de 5 anos, em frente das suas crias. O proprietário do porco foi acusado de negligência; o porco foi condenado à morte. Como não se conseguiu provar o envolvimento dos leitões, foram poupados.

A sentença podia variar consoante os animais fossem considerados:

- Criaturas de Deus
- Flagelo enviado aos Homens em castigo dos seus pecados
- Instrumento do Demónio

Por vezes, os animais eram excomungados ou amaldiçoados.

Estes casos afiguravam-se sensatos à luz de uma concepção pré-Cartesiana da Natureza, muito diferente daquela que actualmente concebemos: o mundo natural era então considerado animado, **possuidor de uma alma, e portanto de alguma forma “consciente” da noção de mal e de bem**. Justificavam-se, assim, os processos jurídicos.



Os animais na Idade Média – São Francisco de Assis



São Francisco de Assis, ao pregar o Evangelho, defendia uma **simplicidade radical**, envolvendo 4 preocupações fundamentais:



- Rejeição da riqueza e identificação com os pobres e os proscritos: a riqueza material devia ser banida, pois impedia o progresso espiritual. Esta **simplicidade** na vida teria o requisito moral de uma alimentação frugal, e de evitar comida requintada: como comer animais.
- Parentesco com toda a Criação: São Francisco comemorava o nosso **parentesco** com todas as criaturas criadas pelo mesmo Deus, cujo Evangelho devia estender o seu Amor até à mais ínfima coisa, animada ou inanimada. São Francisco rejeitava a dualidade metafísica defendida pela teologia medieval, que acreditava numa distinção fundamental entre animais e seres humanos – entre seres terrenos e seres espirituais.

Os animais na Idade Média – São Francisco de Assis

- Para além da ligação entre todas as criaturas – em virtude do seu Criador comum – São Francisco procurava manifestar essa unidade através de actos de **generosidade** moral: isto ia contra a perspectiva da maioria dos pensadores cristãos medievais, que pensavam que os animais, sendo não-rationais, não poderiam fazer parte do mesmo plano da Criação.



- Em contraste com uma visão completamente instrumentalista da Criação – como existindo para uso dos seres humanos – São Francisco via o mundo da Criação como um local de **celebração**: todas as criaturas louvavam o seu Criador, em resposta ao Amor de Deus. Tudo, incluindo os animais, seria parte de uma consciência cósmica divina.

Descartes e os animais



A filosofia mecanística de Descartes (1596-1650) explicava o comportamento dos animais como reflexo mecânico: os animais seriam **máquinas orientadas por reflexos e sem capacidades intelectuais**.



Ainda assim, Descartes reconhecia que os animais tinham **sensações** – mas estas conseguiam ser **explicadas de forma mecanicista**, não necessitando de recorrer a qualquer tipo de pensamento.



Descartes

No entanto, Descartes apenas reconhecia sensações como resposta dos órgãos sensoriais ao meio (fotoestimulação, estimulação nervosa, etc.). Negava constatação imediata em resposta a um estímulo (dor, sede, frio, etc.) ou apreciação dos estímulos sensoriais (que mau ter sede, que bom estar calor, etc..).



Negava aos animais **a posse de consciência**.

Descartes e os animais

Descartes tinha muitos opositores desta visão, e esteve envolto em várias polémicas.



A faculdade da consciência é muito importante **para definir o relacionamento ético que devemos ter para com os animais**. Por isso, tem ocorrido um intenso esforço de contra-argumentação à hipótese mecanística de Descartes.



O filósofo La Mettrie (1709-1751) contesta Descartes afirmando que os seus argumentos exigem a extensão da hipótese mecanística aos humanos: os estados mentais humanos não seriam mais que a alteração de “humores” cerebrais.



La Mettrie

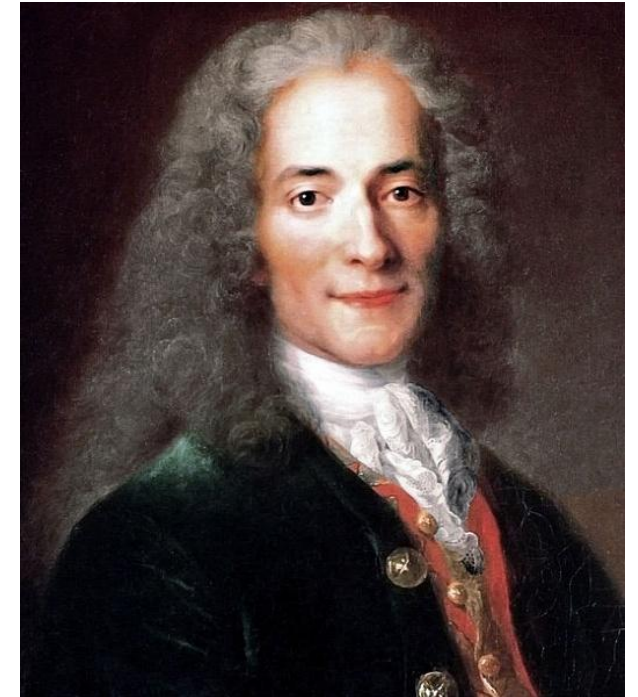
Descartes contesta La Mettrie com 2 argumentos:

1. Se os animais fossem **conscientes** (tivessem “alma”), seriam também imortais, e não o são.
2. A **linguagem**: Descartes diz que só os humanos são capazes de desenvolver uma linguagem (não emotiva), o que exige consciência. Defende, assim, o teste da linguagem como prova de consciência, e considera que os animais não o superam.

Descartes e os animais



“(...) que pobreza de espírito dizer que os animais são máquinas privadas de conhecimento e de sentimento, (...) que não aprendem nada! (...) Tu descobres neles todos os mesmos órgãos do sentimento que estão em ti. Responde-me mecanicista: (...) será que ele tem nervos para não sentir nada?”



Voltaire: 1694-1778

Kant e os animais

Para Kant nós **não temos deveres directos** para com os animais **porque eles não são auto-conscientes (nem conscientes)** e são apenas um meio para atingir um fim.



Os seres humanos têm a capacidade de exibir uma **personalidade**, que não é reduzível à observação de um dado comportamento. Os animais não possuem essa capacidade.



Immanuel Kant

Kant e os animais

“Todo o ser racional existe como um fim em si mesmo e não meramente como um meio a ser arbitrariamente utilizado por esta ou aquela vontade. Os seres cuja existência não depende da nossa vontade, mas da natureza, têm, no entanto, se não forem seres racionais, apenas um valor relativo como meios e são, por isso, chamados de coisas. Por outro lado, os seres racionais são chamados de **peessoas** na medida em que a sua natureza já os distingue como fins em si mesmos.”

“O facto de o ser humano poder ter a noção do ‘**Eu**’ eleva-o infinitamente acima de todos os outros seres na Terra. Por isso, é uma pessoa... ou seja, um ser totalmente diferente, em **posição** e **dignidade**, das coisas, tais como os animais irracionais, com os quais se pode lidar e dispor à própria discrição.”

Kant e os animais

Os nossos deveres para com os animais são apenas deveres indirectos para com a humanidade.

A nossa amabilidade para com os animais deve-se ao facto de que quem é cruel com os animais será também cruel com as outras pessoas: **não respeitar os animais pode levar ao aviltamento da consciência humana.**



Do mesmo modo, sermos carinhosos para com os animais **desperta o melhor que há nos seres humanos.**

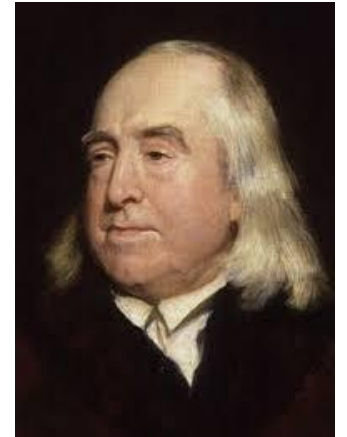
Bentham e os animais



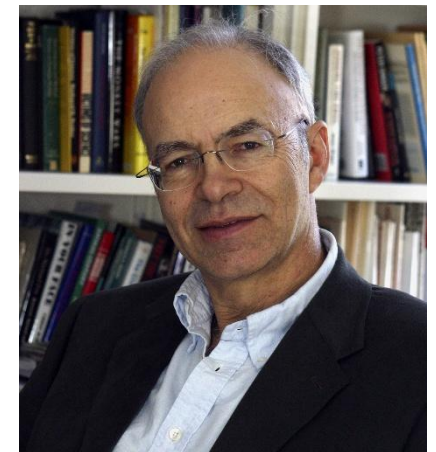
Para Bentham existe uma (des)classificação dos animais em meras **coisas** e a pergunta mais importante, para este pensador, é quais serão os motivos para tal.

No fundo, o que é que pode traçar a linha que nos separa dos animais?

Para qualquer pensador utilitarista, **não é a faculdade de raciocinar ou de comunicar que é relevante**: o que se deve ter em conta não é se os animais têm consciência **mas sim se são capazes de sofrer**.



Jeremy Bentham



Peter Singer

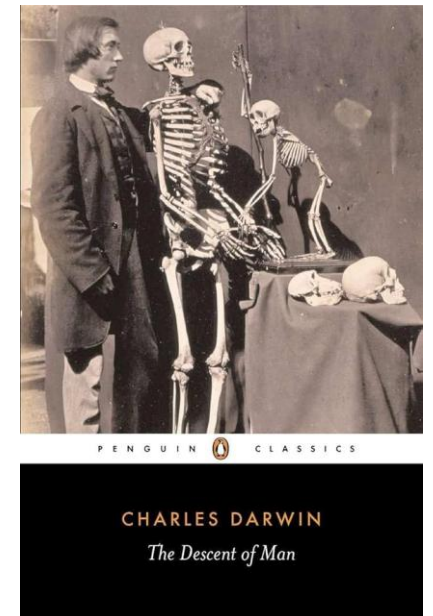


Darwin e os animais



Darwin defendia que, como o nosso sistema nervoso central constitui a base física da nossa consciência subjectiva do mundo, e porque o sistema nervoso central dos outros mamíferos se assemelha ao nosso em todos os aspectos relevantes, é razoável acreditar que o seu sistema nervoso central constitui a base física da sua consciência subjectiva.

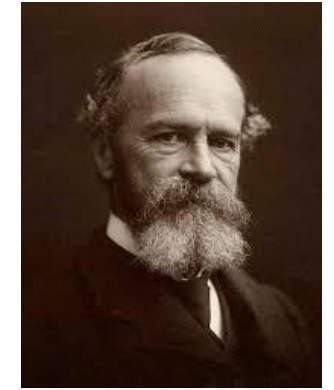
Comparando as faculdades mentais dos seres humanos com os animais superiores (para Darwin, os mamíferos), Darwin escreve: “A diferença entre o homem e os animais superiores...é de **grau**, não de género.”



A Psicologia e os animais



William James (1842-1910) defendia que a experiência consciente seria o resultado de uma adaptação complexa: seria também explicada pelo mecanismo da Seleção Natural. Para se explicar a consciência em termos adaptativos, **ela teria que produzir efeitos** – para ser seleccionada.

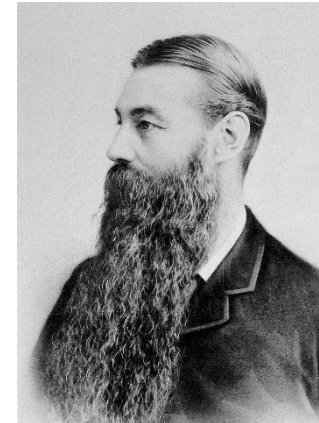


William James

Podíamos interpretar uma acção ou um comportamento como o resultado de um **estado mental simples**.



Devíamos evitar atribuir estados de consciência complexos, em termos explicativos, quando estados de consciência simples **fossem suficientes para tal**.



Conwy Lloyd Morgan



Margaret Floy Washburn

A Psicologia e os animais



B. F. Skinner (1904-1990) defendia um anti-mentalismo radical.

Rejeitava qualquer tentativa de explicar o comportamento animal em termos de estados mentais – que, segundo ele, **eram inobserváveis**.

O seu Behaviourismo tornou-se a ciência do comportamento (em si): que era determinado **por estímulos e contingências de condicionamento**.



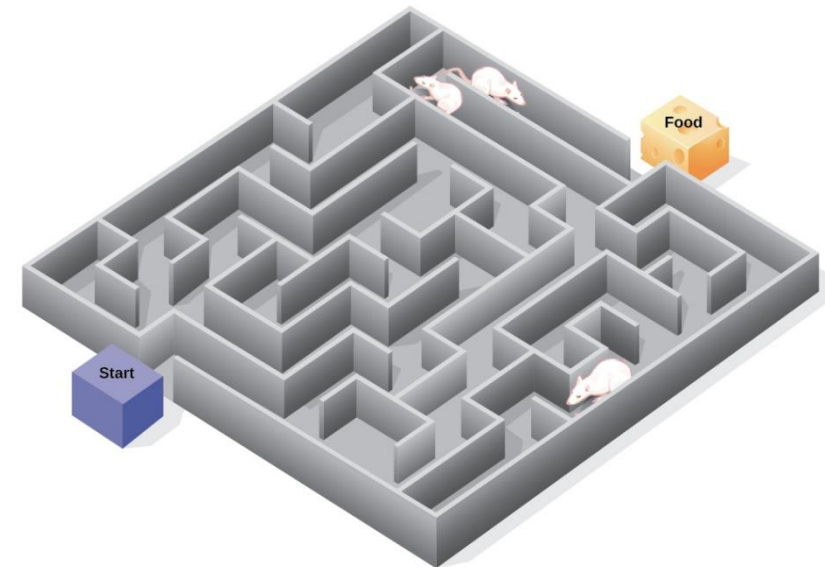
B. F. Skinner



Edward Tolman, em 1932, numa célebre experiência com ratos, mostrou que estes animais conseguiam “pausar” **para modelar mentalmente** as consequências de diferentes escolhas.



O anti-mentalismo era uma limitação fatal, porque o comportamento seria cognitivo e com um propósito: **envolveria um estado mental**, por simples que fosse.



A Psicologia e os animais



Jacob von Uexkull (1864-1944) considerava que qualquer animal **era um sujeito integrado que percepcionava o seu mundo e agia sobre ele.**

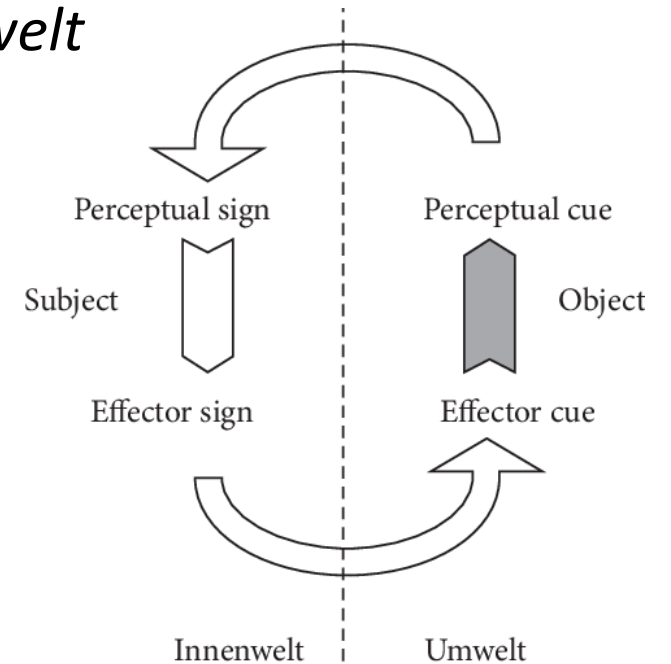


J. von Uexkull

Havia **um ambiente com significado** para cada animal: *Umwelt*



Este ambiente externo com significado era uma estrutura complementar ao seu mundo interior – o que requeria **uma noção mínima de consciência.**



A Psicologia e os animais



Donald Griffin (1915-2003) fez diversos estudos para provar que os morcegos usam eco-localização: o que levou a um regresso à ideia de “mentes animais”.



Donald Griffin

Este investigador combinava observações precisas do comportamento animal com tentativas de compreender as mentes animais no contexto da evolução.



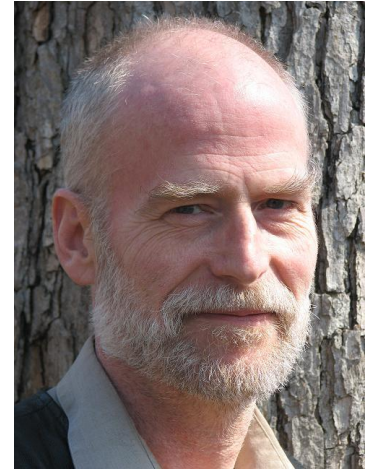
Ele destacava a flexibilidade e versatilidade comportamental como evidência para a consciência animal: como **um estado subjectivo de sentimento e pensamento acerca de objectos e eventos.**

O neo-cartesianismo de Peter Carruthers



Defende que os animais tem capacidade de sofrer mas que passam pela maioria das suas experiências **de forma inconsciente**.

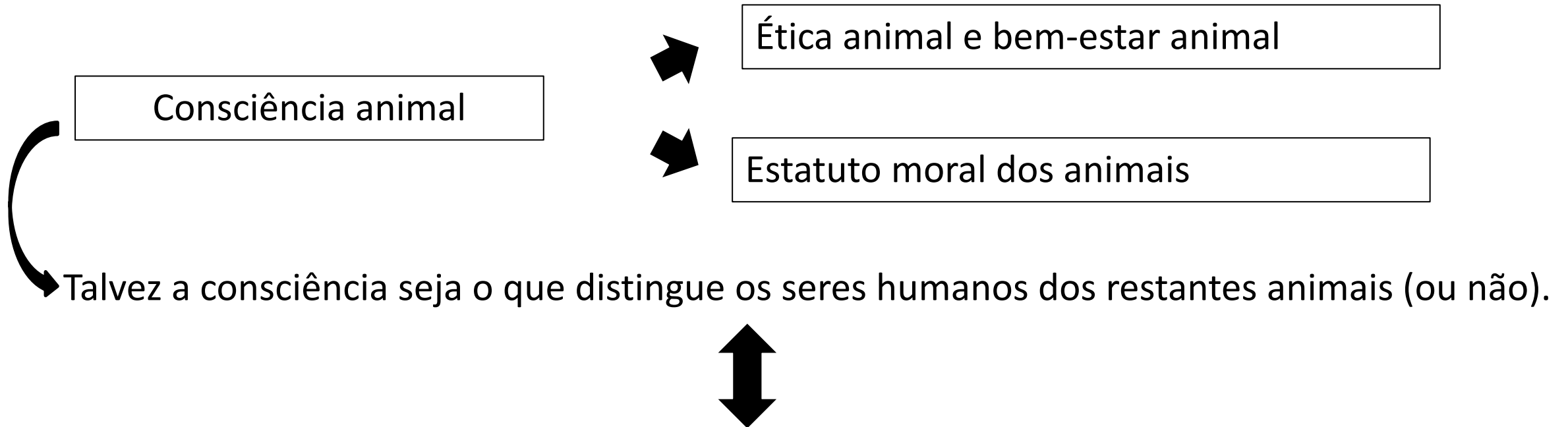
Acrescenta ainda que os animais não são agentes racionais.



Para Carruthers, os animais **não têm qualquer tipo de estatuto moral**.

Ainda assim, Carruthers argumenta que alguns actos para com os animais são susceptíveis de criticismo moral.

Consciência Animal



Teorias sobre a consciência que pretendem ser universais têm que ter em conta dados sobre os outros animais – explicando como é que **a consciência pode existir associada a diferentes tipos de sistema nervoso** ou, pelo contrário, argumentando que os comportamentos que observamos nos animais **podem ser conseguidos de forma não consciente**.

Consciência Animal



Senso comum



Alguns animais têm experiências conscientes: normalmente apontamos as **similaridades** entre o seu comportamento e o nosso.



Alguns cépticos criticam esta interpretação das similaridades: eles não argumentam que os animais não têm consciência mas colocam dúvidas à **qualidade da evidência (empírica)** que sustenta a atribuição de consciência.

Consciência Animal



Existem dois sentidos diferentes de consciência que têm sido o foco principal da ciência e da filosofia:

“Consciência de acesso” (*access consciousness*): descreve a disponibilidade de uma representação mental para usar num raciocínio ou no controlo racional da acção.

A distribuição da consciência de acesso no mundo animal depende **da distribuição da capacidade de acção racional**, não sendo a capacidade de comunicar um requisito.



Consciência Animal



“Consciência fenomenal” (phenomenal consciousness): é o lado qualitativo, subjectivo e experiencial da consciência. A experiência subjectiva diz respeito a **“como é ser”, ou como é sentir ou vivenciar algo**. Qualquer sistema de consciência fenomenal **tem algo que é ser como ele**.



Devemos duvidar da nossa capacidade para saber, imaginar ou descrever, em termos científicos e objectivos, **o que é ser um chimpanzé – mas existe algo que é ser como um chimpanzé**.

É impossível conhecer a experiência alheia inteiramente, seja de que animal for.



Consciência Animal

O argumento é que se deve investigar se um dado animal possui consciência tentando descobrir se existe algo como ser esse mesmo animal – portanto, **se ele tem uma perspectiva fenomenal ou “ponto de vista” acerca do mundo e do seu próprio corpo.**



Devemos distinguir a consciência fenomenal da **auto-consciência**, a consciência de si próprio como um ser que persiste ao longo do tempo:

- Registrar o efeito das suas acções, distinguindo os outros seres (e as suas acções)
- Consciência do seu corpo como objecto físico, como meio de percepção e de agir
- Consciência dos próprios estados mentais
- Consciência de si perante os outros, como membro de um grupo social
- Consciência de si como persistente nas narrativas contadas por si ou por outros



Consciência Animal

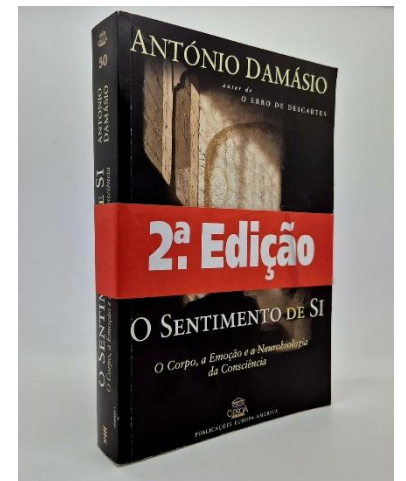


Como defende António Damásio, a consciência gera, no próprio acto de produzir-se, **o sentimento de si.**

↪ Não se trata de identificar consciência e si (*self*), mas sim mostrar que estamos perante dois fenómenos indissociáveis.



António Damásio argumenta que estar consciente não é estar acordado, atento, ou em estado de vigília, e que o sentimento de si é gerado pela consciência nuclear (*core consciousness*), isto é **por todos os seres que têm um sistema nervoso central com alguma complexidade.**



Consciência Animal



Quando atribuímos consciência fenomenal aos animais, estamos a pressupor **que existem factos sobre como é ser como eles.**

Devido à grande variabilidade nas capacidades sensoriais e características corporais dos animais mostra-se difícil conseguir uma terminologia padrão para classificar as várias formas possíveis de “ser como”, para além do caso humano.

Generalizar termos humanos (antropomorfismo) para apreender dados sobre o que é ser como outro animal pode tornar-se problemático.



Senciência: um conceito com um significado mais estreito do que consciência (fenomenal), definido como a capacidade de ter experiências como dor ou prazer, ou, simplesmente, **sentir.**

Senciência

Com este conceito temos a **transferência do critério moral decisivo, da racionalidade, linguagem e consciência para a sensibilidade**, o que pode vir a ser o fundamento necessário para o alargamento da esfera ética aos animais não-humanos e para a formulação de um novo princípio de igualdade.



Todo aquele que tem a capacidade de **sentir** (prazer e dor), tem também **interesse** em experimentar o primeiro e evitar o segundo, procurando, por sua própria iniciativa, os meios que lhe permitam satisfazê-lo.

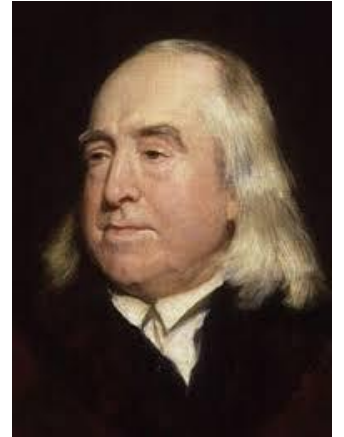


Por exemplo, o interesse pela alimentação implica a busca de alimentos.



Pelo contrário, a ausência de sentiência implica ausência de interesses e, conseqüentemente, de consideração moral.

Other animals, which, on account of their interests having been neglected by the insensibility of the ancient jurists, stand degraded into the class of things. [original emphasis] ... The day has been, I grieve it to say in many places it is not yet past, in which the greater part of the species, under the denomination of slaves, have been treated ... upon the same footing as ... animals are still. The day may come, when the rest of the animal creation may acquire those rights which never could have been withholden from them but by the hand of tyranny. (...) It may come one day to be recognized, that the number of legs, the villosity of the skin, or the termination of the ossacrum, are reasons equally insufficient for abandoning a sensitive being to the same fate. What else is it that should trace the insuperable line? Is it the faculty of reason, or perhaps, the faculty for discourse?...the question is not, Can they *reason*? nor, Can they *talk*? but, Can they *suffer*?



Jeremy Bentham

Senciência



De acordo com o critério da sentiência não existe forma moralmente justificável de excluir os animais de consideração moral, porque claramente eles podem **sofrer**.



Qualquer ser vivo que **tem interesse em não sofrer merece que o seu interesse seja tido em conta e respeitado**. Se um animal age de forma a evitar dor deve-se então pensar que ele tem interesse que tal aconteça.



Apesar da imensa pesquisa feita sobre sentiência (em aves e mamíferos), existem investigadores que defendem que o círculo de consideração moral deve ser alargado com este mesmo critério.



Ainda assim, a sentiência permanece uma capacidade não observável, e, apesar dos avanços científicos, existe alguma **incerteza** com respeito a animais que estão filogeneticamente distantes de nós, como por exemplo, os insectos.

**Qual será o critério de
consideração moral mais
robusto?**

**Join at [slido.com](https://www.slido.com/join/4011864)
#4011864**



Checklist de Conhecimentos e Competências a Adquirir:

- Compreender o Especismo e o Excepcionalismo Humano envolvidos nas relações entre Humanos e Animais
- Entender a relação complexa entre Psicologia e o estudo do Comportamento Animal
- Compreender a importância da Consciência Animal e Senciência Animal para a Ética e Bem-estar Animal

Bibliografia da aula

Principal

Trestman, Michael, Jonathan Birch, and Colin Allen, "Animal Consciousness", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Spring 2026 Edition), Edward N. Zalta & Uri Nodelman (eds.), forthcoming URL = [<https://plato.stanford.edu/archives/spr2026/entries/consciousness-animal/>](https://plato.stanford.edu/archives/spr2026/entries/consciousness-animal/).

Gruen, Lori and Susana Monsó, "The Moral Status of Animals", *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Fall 2024 Edition), Edward N. Zalta & Uri Nodelman (eds.), URL = [<https://plato.stanford.edu/archives/fall2024/entries/moral-animal/>](https://plato.stanford.edu/archives/fall2024/entries/moral-animal/).

Bibliografia da aula

Complementar

Palmer, J.A. (2005), *Fifty Key Thinkers on the Environment*. Routledge, London.

Cottingham, J. (1978), “ ‘A Brute to the Brutes’: Descartes’s Treatment of Animals”, *Philosophy*, 53: 551-559.

Duncan, I.J.H. (2006), “The changing concept of animal sentience”, *Applied Behaviour Science*, 100: 11-19.

Browning, H. & Birch, J. (2020), “Animal Sentience”, *Philosophy Compass*”, <https://doi.org/10.1111/phc3.12822>